

CIÊNCIAS HUMANAS: DIÁLOGO E POLÍTICA DE COLABORAÇÃO

.....

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2022

CIÊNCIAS HUMANAS: DIÁLOGO E POLÍTICA DE COLABORAÇÃO

.....

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Ciências humanas: diálogo e política de colaboração

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências humanas: diálogo e política de colaboração /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0046-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.462222403>

1. Ciências humanas. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio
(Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Estimados leitores e leitoras;

Sendo cada vez mais necessária, a transdisciplinaridade se configura como um requisito epistemológico, uma vez que o que buscamos compreender, problematizar e analisar não se limita, estritamente, a uma única área do saber. É preciso “sacudir” as estruturas e apontar caminhos múltiplos para se pensar o mundo ao nosso redor.

Assim sendo, por meio de uma abordagem transdisciplinar a obra **Ciências humanas: Diálogo e política de colaboração**, propõe uma discussão, crítica e contemporânea, entre diversos campos do saber, buscando expandir os horizontes acerca das correlações das Ciências Humanas com diversas outras disciplinas.

Neste sentido, ao longo de 17 capítulos podemos vislumbrar discussões que abordam as temáticas sobre juventude, feminilidades, saúde, política, educação, sociedade, dentre outras que se configuram como mecanismos para compreensão das dinâmicas sociais, a nível nacional e internacional.

Especialmente a partir deste atual cenário social e político que vivenciamos, as reflexões realizadas na coletânea **Ciências humanas: Diálogo e política de colaboração** se tornam fundamentais para se pensar sobre o(s). lugar(es). que as Ciências Humanas têm ocupado diante das diversas perspectivas de compressão sobre o mundo e sobre as formas de compreendê-lo e melhorá-lo. Trazendo à tona, por conseguinte, discussões necessárias para tencionar reflexões sobre o mundo contemporâneo.

Para tanto, esperamos que essa coletânea de textos possa se mostrar como uma possibilidade discursiva e reflexiva para novas pesquisas e novos olhares sobre os objetos das Ciências Humanas em consonância com outras áreas do saber.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atilio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A JUVENTUDE E SUA RELAÇÃO COM TRABALHO E EDUCAÇÃO

Samille Schmid Lopes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224031>

CAPÍTULO 2..... 14

INCLUSÃO DE JOVENS RURAIS NO SISTEMA EDUCACIONAL POR MEIO DA CONFIGURAÇÃO DA FERRAMENTA WEB 2.0 E DA REDE SOCIAL

Miguel Gregorio Argote Salgado

Víctor Enrique Macías-Villamizar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224032>

CAPÍTULO 3..... 19

A HISTÓRIA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Luzinete de Souza Oliveira

Solange Aparecida Bolsanelo Merlo

Camila Bruschi Tonon

Larissy Alves Cotonhoto

Lucyana Veríssimo Pascoal Costa

Anderson José Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224033>

CAPÍTULO 4..... 30

SOFRIMENTOS SOCIAIS; REFLEXOS DO PERÍODO DA INTERNAÇÃO COMPULSÓRIA PARA TRATAMENTO DA HANSENÍASE NO BRASIL

Thiago Pereira da Silva Flores

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224034>

CAPÍTULO 5..... 41

EDIPO MITO-LÓGICO

Marcelo A. Frazzetto

Rosario-Santa Fe-Argentina

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224035>

CAPÍTULO 6..... 47

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DE MULHERES EM PERÍODOS DE TRANSIÇÃO: UM ESTUDO COMPARADO

Laura Dantas de Moura

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224036>

CAPÍTULO 7..... 63

TOLERÂNCIA ZERO NO ESPÍRITO SANTO E A SELETIVIDADE PENAL CAPIXABA

Renan Subtil Torres

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224037>

CAPÍTULO 8	75
OS IMPACTOS SOCIOECONÓMICOS E DE SAÚDE DA COVID-19 NOS PAÍSES NÃO DESENVOLVIDOS E OS DESENVOLVIDOS	
Maria José Oliveira Vieira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224038	
CAPÍTULO 9	85
LA PREVENCIÓN DE LA VIOLENCIA SIMBÓLICA. UNA MIRADA DESDE TEORÍA DE LA SUBJETIVIDAD	
Lisbet Teresa Pérez Salina	
Dalia Portuondo Kindelán	
Reynaldo Vega Chacón	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4622224039	
CAPÍTULO 10	93
LOS ANDROIDES YA SUEÑAN CON HUMANOS ARTIFICIALES	
Daniel Román March	
Marcos Llanos Nieto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.46222240310	
CAPÍTULO 11	98
QUATRO FACES: AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO MITO DE RAGNARÖK	
Angela Albuquerque de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.46222240311	
CAPÍTULO 12	112
A BUCÓLICA X DE VIRGÍLIO ENTRE O AMOR BUCÓLICO E O ELEGÍACO: UMA CRÍTICA EPICURISTA DO AMOR DESMEDIDO	
Amanda Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.46222240312	
CAPÍTULO 13	116
A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A PROTEÇÃO DOS SABERES TRADICIONAIS DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL	
Claudia Maria Prudêncio de Mera	
Denise Tatiane Girardon dos Santos	
Domingos Benedetti Rodrigues	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.46222240313	
CAPÍTULO 14	126
EDUCAÇÃO FINANCEIRA POR MEIO DE MODELAGEM MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO	
Mariana Thais Garcia	
Tiago Emanuel Klüber	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.46222240314	

CAPÍTULO 15	132
PROCESSO DE ANÁLISE DE DESEMPENHO PROFISSIONAL Juliana Carneiro Rodrigues André Ribeiro da Silva  https://doi.org/10.22533/at.ed.46222240315	
CAPÍTULO 16	143
CONHECER A PAISAGEM ATRAVÉS DA BANDA DESENHADA Miguel Castro  https://doi.org/10.22533/at.ed.46222240316	
CAPÍTULO 17	159
VIAGENS: TURISMO CULTURAL COMO DISPOSITIVOS DE APRENDIZAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA Talita Fontes Miranda  https://doi.org/10.22533/at.ed.46222240317	
SOBRE O ORGANIZADOR	166
ÍNDICE REMISSIVO	167

CAPÍTULO 11

QUATRO FACES: AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO MITO DE RAGNÁRÖK

Data de aceite: 01/02/2022

Angela Albuquerque de Oliveira

Mestra em Ciências das Religiões (UFPB).

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo analisar as representações identitárias femininas três deusas e uma gigante – *Frigga* (a mãe), *Nanna* (a esposa), *Hel* (filha de *Loki*), e *Hyrrokkin* (e seu lobo). –, como partícipes da dinâmica do evento do deus *Balder*, encontrado no mito de *Ragnarök*. O aporte teórico-metodológico que conduzirá essa pesquisa está ancorado na perspectiva da história cultural, partindo de uma investigação sobre as representações referenciadas, no tocante as percepções do universo feminino, da literatura medieval do século X, da Escandinávia da Era Viking, no contexto dos séculos VIII-XI d. C. que compõe o ciclo de crenças de concepção pré-cristã. O procedimento metodológico da pesquisa envolve um estudo descritivo-analítico, conjuntamente com a pesquisa bibliográfica e sistematizadora do tema.

PALAVRAS-CHAVES: Mitologia Nórdica. Ragnarök. Representações femininas. Escandinávia da Era Viking.

FOUR FACES: THE FEMALE REPRESENTATIONS IN THE MYTH OF RAGNARÖK

ABSTRACT: The objective of this study is to analyze the female identities of three goddesses

and one giantess - *Frigga* (the mother), *Nanna* (the wife), *Hel* (*Loki*'s daughter). and *Hyrrokkin* (and her wolf). - as participants in the dynamics of the event of the god *Balder*, found in the myth of *Ragnarök*. The theoretical-methodological contribution that will lead to this research is anchored in the perspective of the cultural history of Religions, starting from an investigation on the referenced representations, regarding the perceptions of the feminine universe, from the medieval literature of the X century, from the Scandinavia of the Viking Age, in the context of the VIII-XI century A.D. that composes the cycle of pre-Christian conceptions of belief. For this reason, it is evident that the work in question is configured as a contributory registry to the Graduate Program in Sciences of Religions - PPGCR and to the Sciences of Religions area. The methodological procedure of the research involves a descriptive-analytical study, together with the bibliographical and systematizing research of the theme.

KEYWORDS: Nordic Mythology. Ragnarök. Representations of women. Scandinavia of the Viking Age.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as representações identitárias femininas três deusas e uma gigante – *Frigga* (a mãe), *Nanna* (a esposa), *Hel* (filha de *Loki*), e *Hyrrokkin* (e seu lobo). –, como partícipes da dinâmica do evento do deus *Balder*, encontrado no mito de *Ragnarök*. Assim sendo, investigaremos como o feminino era pensado por essa sociedade e, a

partir dessa perspectiva, como se criava as representações para as mulheres.

Falar do feminino nos leva em direção ao culto da Mãe-terra. Atualmente, estamos vivenciando uma grande reviravolta em torno do Grande Feminino – a Grande Mãe – da natureza, seja na *Wicca* “Religião da Deusa Mãe”, movimento pró-bruxaria (da primeira metade do século XX), bem como em tantas outras tradições, a exemplo da cultura hinduísta em que essa é representada pela deusa Durga, ao menos para alguns hindus.

A partir da análise das figuras femininas encontradas no mito de Balder, no recorte espaço temporal da Era Viking (séculos VIII-XI), pretendemos estabelecer as percepções do universo feminino na Literatura medieval do século X. Considerando a possibilidade de aproximação desse tema através da investigação dos conhecimentos literários que sobreviveram na oralidade, encontrados na poesia *édica* (século XIII), examinaremos como fonte de análise desse estudo o poema do manuscrito *Codex Regius* nº 2365, da Biblioteca Real da Dinamarca, A visão da Adivinha (*Völuspá*), inserido na *Edda Maior* ou *Edda Poética* (1270), de autoria desconhecida, e na *Edda Menor* ou *Edda em Prosa* (1220). O poema referenciado foi utilizado por Snorri Sturluson na composição dessa obra.

Em razão de nossa temática, recorreremos a esse poema como obra literária que contempla aspectos da sociedade do norte da Europa, a Escandinávia medieval, versando sobre o mito de *Ragnarök*¹ uma catástrofe cósmica futura em que sinais, seguidos de desastres na natureza, pronunciar-se-iam, havendo de ocorrer até a submersão do mundo nas águas, anunciando o fim de um ciclo e a morte de alguns deuses. Depois, o mundo ressurgiria de novo e fértil, os dois sobreviventes humanos Lif e Líftrásir e os deuses renascidos repovoariam o mundo. (EDDA POÉTICA, 2012, p. 19).

Na análise dessa pesquisa, das 66 estrofes de que o poema é composto, na tradução do Islandês para o espanhol de Luis Lerate (2012), utilizaremos, especificamente, naquelas que fazem referências às representações do feminino, no mito de Balder, visando elucidá-las na perspectiva dessa narrativa. Nesse sentido, o poema *Völuspá* faz referência apenas às deusas Frigga (estrofes 33 e 53). e Hel (estrofes 39 e 52). Para conciliar essa abordagem às representações da deusa Nanna e da gigante Hyrrokkin utilizaremos as narrativas encontradas no *Gylfaginning*, da *Edda em Prosa*.

Convém ressaltar que o poema *Völuspá* examinado nesse estudo, passou a ser transmitido oralmente por escaldos pré-cristãos, poeta das cortes (dos líderes da Escandinávia e Islândia), em sua maioria homens, considerados pertencentes a uma elite conhecedora da cultura oral para uma platéia pré-cristã (século X). Sublinhamos que já existia a mulher poetisa, recebendo a denominação de *Skáldkonur*. (LANGER, 2015a, p.

¹ *Ragnarök* – Encontrada na *Edda em Prosa* e em um único poema na *Edda Poética*, o evento é conhecido como *Ragnarök* ou *Ragnarökkr*. Na mitologia nórdica, *Ragnarök* – consumação dos destinos dos poderes supremos –, ou ainda, *Ragnarökkr* – crepúsculo dos poderes supremos –, pertencente ao ciclo de crenças de concepção pré-cristã (séculos VIII-XI). Presume-se que esse mito tenha sido narrado oralmente, posto que a escrita rúnica não fosse utilizada para esse fim, e posteriormente, compilada na *Edda Poética*, apoiado em fontes tradicionais mais antigas, e na *Edda em Prosa*, por Snorri Sturluson, ambas escritas no século XIII. (Langer, 2012, p. 3).

166).

Ávido por saber de todas as coisas, sendo o deus Odin versado na magia e de todo o oculto, interroga uma adivinha morta e por ele despertada, exigindo que a mesma lhe conte sobre o conhecimento guardado por ela. A figura da adivinha² como reveladora sobrenatural que manifesta esses conhecimentos evidência a forte ligação das mulheres com o universo da magia. Afere Langer (2005, p. 65). que “um tema característico da religiosidade germano-nórdica é a recorrência da magia, especialmente de uma magia fatídica, porque suas funções, muito mais que defensivas ou ofensivas, são antes de tudo divinatórias e sacrificiais”.

Ao final do poema *Völuspá*, o seu último verso (estrofe 66). – “E agora afunda!” (“Y ahora se hundel!”). –, faz referência ao retorno da adivinha ao mundo dos mortos. Langer sustenta que

A investigação do futuro foi extremamente conectada com a magia no mundo escandinavo. A consulta era feita aos oráculos (at ganga til fréttar). ou, mais comumente, o spá (plural: spár), a profecia ou adivinhação. O termo para profetisas e praticantes de trabalhos de magia é *Völva*. [...] Tanto a figura da *Völva* na *Völuspá* quanto em *Baldur's Drama* foram influenciadas, mas não totalmente dominadas pelas ideias cristãs. [...] A *Völva* geralmente é descrita como sendo um ser ctônico, habitando caverna, morando no submundo ou mar. (*Ibid*, 2015a, p. 296-297).

Cabe ressaltar que a representação de uma deidade que espera adquirir os conhecimentos do mundo, a partir das revelações de uma mulher sábia, iniciando pelos acontecimentos do passado, presente e futuro dos deuses, redimensiona paradigmas quanto aos universos feminino e masculino, posto que essas narrativas fossem lidas para uma audiência, num contexto medieval.

O aporte teórico-metodológico que conduzirá essa pesquisa está ancorado na perspectiva da história cultural das Religiões, partindo de uma investigação sobre as representações referenciadas, no tocante as percepções do universo feminino, da Literatura medieval do século X, no recorte espaço temporal da Era Viking (séculos VIII-XI d. C), que compõe o ciclo de crenças de concepção pré-cristã.

Isto posto, evidencia-se que o trabalho em questão se configura como um registro contributivo ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões – PPGCR e à área das Ciências das Religiões. O procedimento metodológico da pesquisa envolve um estudo descritivo-analítico, conjuntamente com a pesquisa bibliográfica e sistematizadora do tema.

A mitologia nórdica tem como fonte as narrativas que foram preservadas em documentos, sendo em sua maioria, provinientes da Islândia, Noruega, Dinamarca, Ilhas Britânicas e de fontes germânicas continentais, conferindo a Idade Média grande número de produção literária, narrativas, sagas e mitos. (LANGER, 2015a, p. 14).

2 A Visão da Adivinha – O termo “adivinha” encontra-se na tradução do islandês para o espanhol, de Luis Lerate (2012), no poema “La Visión de la Adivina” (*Völuspá*).

A *Edda Poética* é uma coletânea de poemas éddicos escandinavos de autoria desconhecida, mitológicos, gnômicos, éticos, mágicos, heroicos, guerreiros, aventureiros e proféticos, de caráter narrativo, cuja maior parte provém do manuscrito Codex Regius, escrito em 1270, mas somado a outros manuscritos islandeses, em nórdico antigo.

A *Edda em Prosa*, compilada pelo intelectual cristão Snorri Sturluson, em 1220, a partir de fontes orais e escritas na Islândia, trata-se da segunda fonte primária mais importante para o estudo da mitologia nórdica, versando sobre temas desde a criação do universo até o Ragnarök, e sendo, principalmente, dirigida aos jovens escaldas escandinavos iniciados nessa arte. A edição espanhola da *Edda em Prosa*, tradução de Luís Lerate é composta por um prólogo o “*Gylfagginning*” e o “*Skáldskaparmál*”, discurso da formação de poetas. A ilusão ou a alucinação de Gylfi discorre sobre a narrativa da vinda desse rei dos suecos a Asgard, morada dos deuses. Esses textos foram escolhidos pelas informações relevantes contidas em cada um deles, que serviram de fonte de análise desse tema.

Utilizaremos como referencial a produção teórica de pesquisadores como Bernárdez (2010), Davidson (2004), Franco Júnior (1992), Langer (2005, 2012, 2015a, 2015b), Le Goff & Truong (2006), Mauss (1974 e 2000), Nicholson (2000), Tedeschi (2008), constituindo um arcabouço teórico condutor do trabalho.

Dentro do recorte escolhido, objetivamos, em um primeiro momento, perscrutar como as representações do feminino foram inseridas no mito de Balder e repassadas pelos escaldos, no contexto de uma sociedade ruralista, guerreira, monogâmica e pagã, relacionada com a fertilidade e fecundidade, da Era *Viking*. A partir disso, realizaremos uma análise da construção desse feminino, ao longo do poema *Völuspá*, da *Edda Poética*, e no *Gylfaginning* da *Edda em Prosa*, de Snorri Sturluson. Nas considerações finais, discutiremos a respeito da relevância desse estudo e contribuição, apresentando os resultados e os possíveis caminhos que possam ser aprofundados em futuras pesquisas.

1 | A CRIAÇÃO DO UNIVERSO NÓRDICO

Na mitologia nórdica, nenhuma deusa é relacionada como interveniente desse momento da criação. Em sua primeira estrofe, o *Völuspá* faz referência à origem da descendência do homem, assim dizendo: “aos grandes ou humildes filhos de *Heimdall*”³. (*Edda Poética*, 2012, p. 23).

Nesse sentido, Postula Davidson (2004). que o modelo da deusa Mãe Terra nas antigas religiões é aquele em que ela se apresenta como

[...] esposa do supremo deus do céu, uma vez que a terra é abraçada e tornada fértil pelo deus das alturas. A imagem da Mãe-Terra, de onde surgimos, pela qual somos alimentados e para a qual retornamos ao morrer, permanece

³*Heimdall* - Em nota-de-rodapé, de número 26, da *Edda Poética*, *Heimdall* é descrito como deus guardião de Asgard que anunciará quando chegar o instante final dos deuses. (*Edda Poética*, 2012, p. 28).

fundamental. [...] De fato, é difícil encontrar uma prova clara do culto à Mãe Terra na Escandinávia pagã. (*ibid*, 2004, p. 94).

Uma parte da descrição do poema *Völuspá*, da *Edda Poética*, versa sobre o grande vazio – *Ginnungagap* – localizado entre *Muspell* – o Reino do Fogo – e *Niflheim* – a Terra da Neblina – terra da escuridão e das névoas geladas, tendo em seu centro a fonte *Hvergélmir*, e a partir desse abismo primordial é gerado o grande potencial da criação. (EDDA EM PROSA, 2012, p. 35-36).

Esse termo, – o grande vazio – utilizado na descrição de textos relativos à criação, é ponto de discussão entre vários autores no que diz respeito a sua aceção e origem. Nesse sentido, Jan de Vries a ele se refere como “uma magia de ilusão”. Enquanto que Régis Boyer, infere o significado de “vazio mágico”, John Lindow defende o significado de “o proto-espaço que contém poderes mágicos”. Além disso, Lars compreende como um imenso espaço vazio com poderes. (LANGER, 2015a, p. 214).

Na construção da primeira parte da *Edda em Prosa*, Snorri Sturluson utilizou esse poema na abordagem da temática “a alucinação” ou “a ilusão de *Gylff*” (*Gylfaginning*). Nesse sentido, considera Davidson (2004, p. 167). que se trata de “uma explicação mais satisfatória do que a hipótese de que a frase significaria ‘buraco abismal’ ou de “*Ginnung* ser um gigante”. Ressalta a autora (2004). que Adam de Bremen utilizava termo semelhante *ghinmendegop*, bem como, um poema do sul da Alemanha, *Wessobrunner Gebet*, descrevendo a criação do mundo de modo correlativo à do *Völuspá*. A adivinha relata à Odin (estrofe 3), que, na idade em que Ymir viveu, tudo o que havia era um grande vazio que surgiu do nada. Nem mesmo céu, areia, mar e ondas de vento existiam. Assim, descreve o poema: “[...] Não havia terra nem céu, nem árvore [...] nem montanha [...]. Não havia um sol brilhante nem uma lua refletindo luz. Não havia um glorioso mar (estrofe 3).” (EDDA POÉTICA, 2012, p. 24).

De *Niflheim* subiu as névoas formando um bloco de gelo e de *Muspell* desceu um ar quente, e desse encontro, calor e frio, resultou o derretimento do imenso bloco, surgindo o gigante Ymir que logo começou a suar, continuamente. A água do gelo que escorria pelos seus membros juntamente ao suor deu origem aos gigantes, um casal aparece debaixo de seu braço e, da união de suas pernas, surge um gigante de gelo e desse a sua descendência. (EDDA EM PROSA, 2012, p.35-36).

Como símbolo da fecundidade, a narrativa encontrada no *Gylfaginning*, ainda que não mencione uma deusa, faz referência à força e a abundância da vida que emana na representação da vaca ancestral Audhumla. Do mesmo degelo, surgiu a vaca Audhumla e, de suas úberes, quatro rios de leite alimentaram o gigante Ymir. Dessa maneira, a vaca nutriu-se do gelo e do sal e lambendo a sua superfície, vão surgindo as partes do corpo do primeiro deus Buri: o cabelo, posteriormente, a cabeça e, no terceiro dia, o seu corpo por completo. (EDDA EM PROSA, 2012, p. 37).

Unidos Buri e seu filho Bor passaram a combater os gigantes. Posteriormente, da

união de Bor e a gigante Bestla se deu à luz a três deidades Odin, Vili e Vé, e deles surgiram outros deuses. Com a morte de Ymir, pelos filhos de Bor, as partes do seu corpo foram usadas na criação do mundo. (EDDA EM PROSA, 2012, p. 37).

Diante desse imenso vazio, a representação da criação do cosmos, na mitologia nórdica, se dá a partir da ação dos deuses *Odin, Vili e Ve* (estrofe 4). que erguem o mundo das águas. A própria estabilidade do cosmos é mantida pela força dos deuses que reunidos em conselho decidiram o lugar que os astros – sol, lua e as estrelas – tomariam (estrofe 6). No entanto, verificamos que no centro desse universo escandinavo se faz presente o feminino através da representação da deusa solar (Sól). e a deusa terra Fjorgyn, mãe de Thor (estrofe 56). Infere Davidson (2004, p. 95). que “a mãe de Thor, Fjorgina, é pouco mais que um nome para nós, embora esse nome seja usado pelos poetas como um sinônimo de terra.” (EDDA POÉTICA, 2012, p. 24 e 34).

Com a morte de Ymir, pelos filhos de Bor, as partes do seu corpo foram usadas na criação do mundo. Odín e seus irmãos Vili e Vé cortaram duas árvores e delas surgiu um casal de humanos Ask (do freixo, do carvalho, o homem). e Embla (do tronco da videira ou do olmo, a mulher). e deles a humanidade. Odín deu-lhes espírito e vida; Vili (Honir). conhecimento e movimento; e Vé (Lothur), forma, fala, audição e visão (estrofes 17-18). (EDDA POÉTICA, 2012, p. 26). Ao contrário de outras mitologias, examinamos que a representação da origem do primeiro casal de humanos sugere uma igualdade entre eles, a partir da matéria semelhante – a mulher (do olmo). e o homem (do carvalho). – com que foram criados.

O poema *Völuspá á* (estrofes 21-22). faz referência aos relatos da adivinha que lembra a respeito da motivação da primeira guerra, entre Ases e Vanes⁴, quando a bruxa adivinha *Gúllveig* (da família dos Vanes, associada à fertilidade). que possuía o domínio sobre as artes mágicas, confere o poder de renascer três vezes, ainda que ferida por lanças e jogada ao fogo. (EDDA POÉTICA, 2012, p. 27).

<p>La guerra primera l que sabe⁵ en el mundo fue cuando a Gúllveig⁶ l le hincaron lanzas y la echaron al fuego, l en la sala de Har⁷; la quemaron tres veces l y tres renació, muchas y más, l pero viva que sigue.</p>	21	<p>A guerra primeira l que se sabe no mundo foi quando a Gúllveigl cravaram lanças e a atiraram ao fogo, l no salão de Har; a queimaram três vezes l e três renasceu muitas e mais, l mas viva segue.</p>
--	----	---

4 Ases e Vanes. Ases são uma família de deuses, a mais importante da mitologia escandinava. O termo em nórdico antigo Áss (plural: Æsir, feminino: Ásynja). significa deus [...]. Enquanto os Ases são divindades proeminentes da guerra e governantes, os Vanes são deuses relacionados com a fertilidade e as artes mágicas da fertilidade. (LANGER 2015, p. 46-47).

5 Ao longo do poema a adivinha fala de si mesma indistintamente em primeira ou terceira pessoa, no tempo passado ou do presente. São frequentes estas hesitações nos relatos nórdicos.

6 A primeira das bruxas. Era da família dos Vanes, um deus especialmente relacionado com a fertilidade e as artes mágicas. (*Edda Poética*, 2012, p. 27).

7 Odin. Os ases trataram, ainda que inutilmente, de matá-la, e este foi o motivo da guerra (estrofe 24). entre eles e os vanes. (*Edda Poética*, 2012, p. 27).

<p>Casa a que iba, I Heid la llamaban,⁸ bruja adivinha I com artes de vara; hechizó quanto quiso, I hechizó a su placer, por delicia quedou I de las hembras malignas.⁹</p>	<p>22</p>	<p>A casa que ia I Heid a chamavam bruxa adivinha I com artes de vara enfeitiçou quanto quis, I enfeitiçou a seu bel prazer, por deleite ficoul entre fêmeas malvadas. (Tradução nossa).</p>
--	-----------	---

As representações do feminino – adivinhas, bruxas e feiticeiras – relacionadas ao domínio das artes mágicas, visão do futuro, cura e manipulação das plantas e poderes mágicos certificam uma posição de empoderamento da figura feminina inserida na literatura, da Escandinávia medieval. Ao se referir as mulheres Mauss (2000, p. 29). coloca em evidência o fato de que [...] “é menos pelas suas características físicas do que pelos sentimentos sociais de que as suas qualidades são objetos, que elas são reconhecidas em toda a parte como mais aptas para a magia do que os homens”.

2 | AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO MITO DE BALDER

Falar sobre as representações do feminino na cultura e na história da sociedade ocidental, no incurso do recorte espaço-temporal da Idade Média, é enveredar por um longo processo de construção de sua noção e mudanças que se deram a partir do discurso e de suas intercorrências, examinando-se que essas transformações perpassam pelas sociedades históricas. Por conseguinte, a sociedade foi delineando as representações para as mulheres de modo que a desigualdade de gênero foi se tornando “natural”. Por isso, disse Tedeschi

Esses discursos recorrentes exerceram influência decisiva na elaboração de códigos, leis e normas de conduta, justificando a situação de inferioridade em que o sexo feminino foi colocado [...] Assim, a desigualdade de gênero passa a ter um caráter universal, construído e reconstruído numa teia de significados produzidos por vários discursos, como a filosofia, a religião, a educação, o direito etc. perpetuando-se através da história, e legitimando-se sob seu tempo (*ibid*, 2008, p. 123).

Com base no pensamento de Linda Nicholson (2000), acerca da formação do conceito de gênero como identidade construída a partir de uma relação de poder, inferimos que

O gênero tem sido cada vez mais usado como referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/feminino, incluindo as construções que separam corpos “femininos” de corpos “masculinos”. [...] Mas se o próprio corpo é sempre visto através de uma interpretação social, então o “sexo” não pode ser independente do gênero. (*ibid*, 2000, p. 10).

⁸ Heid se consideraria talvez um nome característico de bruxas.

⁹ As bruxas ou feiticeiras. A magia era em princípio uma atividade própria de mulheres.

Nesse sentido, ponderamos que o mito de Balder encerra muitas temáticas que expressam as representações do universo feminino, na Escandinávia medieval. Cumpre frisar que a maior parte dos **autores** que aborda sobre essa narrativa afirma que não há evidências de que esse deus existiu afora a Escandinávia, bem como referências a respeito de suas atribuições e características. Postula Davidson (2004). que os registros conhecidos são insuficientes para comprovar a existência de um culto antigo a essa divindade. É pertinente dizer que alguns deles restringem o mito de Balder à passagem de sua morte e funeral. (BERNÁRDEZ, 2010, p. 279).

Assim sendo, não conferem a essa divindade a sua presença na religiosidade nórdica pré-cristã, verificando que as referências à deidade atestam a sua participação, apenas na mitologia. Nessa perspectiva, estamos perante um mito que não corresponde a um ritual reconhecido no recorte espaço temporal da Escandinávia da Era Viking. Diante de tal conjectura, propõe-se o respectivo conceito:

O mito é, portanto, uma forma de conhecimento que equaciona as grandes questões espirituais e materiais da sociedade, sem pretender solucioná-las. É a exteriorização das grandes dúvidas, ansiedades, medos e expectativas e sonhos coletivos de cada comunidade. É uma mediação entre o abstrato e o concreto, expressada de acordo com a cultura da qual faz parte. É então uma manifestação do imaginário. Logo, está historicamente presente em todas as épocas. (FRANCO JÚNIOR, 1992, p. 11-12).

Habitante de Ásgard, filho de Odin e Frigga, irmão de Hoder, Vali e Hermoder, pai de Forseti (deus da justiça), tendo como consorte a deusa Nana (filha de Nep). No poema *Völuspá* (estrofes 31-33), a adivinha relata para Odin sobre a morte do seu filho, o deus Balder, por seu irmão cego Hoder, que, enganado por Loki, atirou-lhe um dardo (ou uma seta). de visco – *Viscum álbum* –, conhecido no mito como Muérdago. (Gylfaginning). (Edda em Prosa, 2012, p. 84-85).

Atingido pelo infortúnio do destino reservado a Balder, Odin compreendia que o anúncio da morte do seu filho preanunciava o destino dos deuses. Esse é o acontecimento que precede ao Ragnarök. Nesse poema, Balder somente voltará a ser citado após o Ragnarök. Junto ao seu irmão Hoder, regressa de Hel, passando ambos a habitar nos prados de Odin (estrofes 62-63). (EDDA POÉTICA, 2012, p. 35-36).

Isso nos permite afirmar que estamos diante de uma representação do universo feminino – três deusas e uma gigante, Frigga (a mãe), Nanna (a esposa), Hel (filha de Loki), e Hyrrokkin (e seu lobo). –, uma construção local, no recorte espaço-temporal da Escandinávia da Era Viking (séculos VIII-XI), que nos dará pistas para compreender como evoluiu o mundo dessas deidades e da gigante, presentes nesse mito. O que não exclui as representações advindas da religiosidade nórdica, em razão dos cultos à deusa Frigga, uma das quatro faces desse feminino, objeto do nosso estudo.

2.1 A deusa Frigga “a amada”

Registros evidenciam que os cultos celebrados à deusa Frigga (Fricca, Friede, e Friia). se estendiam na região da Germânia, razão pela qual ficou conhecida por vários nomes, seja devido as suas diversas funções ou pelos seus aspectos femininos de esposa e mãe. Infere Tedeschi (2008). que os papéis conferidos à mulher, representações que colaboraram para a identidade feminina, seja como mãe ou esposa, suscitaram práticas culturais que assim estabeleceram para elas os limites do espaço privado. Averiguamos que a deusa Frigga, tratando-se de uma figura maternal, foi à única que Snorri Sturluson se reportou como tal. As representações do universo feminino encontradas na *Edda em Prosa*, as deusas, gigantas, bruxas ou feiticeiras, estão associadas a temáticas que reforçam a sabedoria, conhecimentos sobre a magia e uma força descomunal, a exemplo da giganta feiticeira Hyrrokkin. (EDDA em PROSA, 2012, p. 62).

Filha do deus Fjorgynn, Frigga – fiandeira das nuvens e protetora do matrimônio, família, primavera, juventude, maternidade, morte e ordem social – esposa do deus Odin e mãe de Balder, Hermoder e Hoder. Associada a terra e rainha do céu, residia em Fensalir. Possuía deusas auxiliares que ficaram conhecidas como Fulla (fertilidade e abundância; conhecedora dos segredos de Frigga), Hlín (proteção). e Gná (mensageira), Sygn, Vara, Eira, Lofn e Vjofn. (EDDA em PROSA, 2012, p. 27).

A descrição de Frigga e outras deusas nos permitem inferir que na religiosidade nórdica a presença das deidades femininas nos cultos se fazia em um bom número. Depreende Bernárdez (2010). que, entre os germanos, há referência sobre comparação entre as deusas Frigga e Vênus, desde os séculos II-III d. C, constatando tratar-se de um nome antigo. Registros em pedras e altares votivos, no século I d. C, bem como, no período das migrações germânicas (séculos IV-VII), conferem aos cultos germânicos e celtas as divindades femininas – as deusas mães (Matres, Matrae ou Matronae). –, assim reconhecidas; e, como tantas outras que trariam força, êxito e poder, a deusa escandinava Gefjón com o significado de “Davidosa”. Enfatizamos que a maioria desses nomes não refletiam poderes que justificassem as razões pelas quais os germanos ofereceriam sacrifícios, ex-votos e orações. (BERNÁRDEZ, 2010, p. 144-145).

A face da deidade que lhe certifica sinais de sabedoria e prestígio remete ao auxílio de mulheres em trabalho de parto, associada ao nascimento de crianças e influências sobre a gestação de bebê. Acentua Langer (2015a, p. 195). que “nesse momento, as escandinavas utilizavam uma planta sedativa chamada grama-de Frigg (Erva coalheira). para auxiliá-las na hora de receber o bebê”. Examinamos que estas dimensões de Frigga estão voltadas para as funções originais dos vanes. Lembrando que, reconhecida como protetora da família, o dia da semana – sexta feira –, recebeu o seu nome (Friday, em inglês), considerado o dia apropriado ou de sorte para casamentos. (DAVIDSON, 2004, p. 95).

Outra representação que confirma a sua importância remete ao molho de chaves sob sua vigilância, preso ao cinto, aludindo a sua proteção as donas de casa, como pelas vestes majestosas e rebuscadas de penas de falcão e gavião. Os símbolos relacionados à Frigga pertencem à atividade de tecelagem, típica das mulheres na Escandinávia medieval, como fuso e eixo da roca, além do visco e a chave. As suas representações “fiando tecidos” ou “girando as nuvens”, na Escandinávia, estão associadas a “Constelação¹⁰ de Órion” ou “Fuso de Frigga”. (LANGER, 2015a, p. 103).

Munir Ayoub (2015). discorre que “Frigga é representante de uma das ideias muito presentes nos povos germânicos e que está expressa até mesmo em Tácito, de que as mulheres seriam portadoras de grande sabedoria (Germânia 8).”. (*ibid*, 2015, p. 196).

A morte de Balder é a “primeira dor de Frigga,” sua mãe, que não descansará até que Vidar, com apenas um dia de nascido, vingará a morte do irmão. O jovem deus Balder passou a ter sonhos premonitórios com referência a sua morte, trazendo sofrimento tanto para si, como aos seus pais, os deuses Odin e Frigga. O mesmo ocorria com Frigga que sofria com os presságios sobre o seu filho. Ao serem comunicados a respeito desses sonhos, os deuses reunidos em conselho acordaram em protegê-lo. A sua mãe buscou torná-lo invulnerável a todo o mal provocado pelos seres viventes e de tudo o que existe, o juramento de que nada atingiria a Balder. Desse modo, criado um entretenimento em que os Ases atiravam-lhe objetos, pedras e o golpeavam, ainda assim, Balder permaneceu inatingível. Loki metamorfoseado de mulher descobre através da deusa Frigga que um visco muito jovem que crescia ao oeste (Jotunheim). não havia prestado juramento. Loki compareceu a Assembleia (*Thing*), levando consigo um dardo preparado com o visco maligno. Ao encontrar Hoder, convenceu-o a prestar honras a Balder, disparando-lhe o dardo em sua direção, provocando a sua morte. (EDDA EM PROSA, 2012, p. 84-85).

Diferentemente de outras mitologias em que as divindades são imortais, frisa-se que dos deuses nórdicos, a invulnerabilidade somente foi concedida ao deus Balder pelas mãos de Frigga, denotando o seu poder e autoridade.

2.2 Hel “a deusa do submundo”

Recorrendo as suas artes adivinatórias, os deuses compreenderam que os filhos de Loki com a gigante Angrboda, a deusa Hel (Hela, Helia, fertilidade, nascimento e morte). e seus irmãos Jörmungandr (a serpente de Midgard). e o lobo Fenrir (estrofe 40). lhe trariam muitas desventuras. (EDDA POÉTICA, 2012, p. 31).

Enviada ao submundo por Odin, essa divindade passa a habitar a morada dos mortos – o reino de Hel (Helheim; Hölle, Haliö, local oculto). –, descrito como um lugar úmido e gelado, localizado abaixo e ao norte. Para esse lugar oculto seriam enviadas as pessoas perjuras e banidas por morte, bem como aquelas que morreram sem glória, doentes ou

10 Os nomes e atributos das constelações em grande parte dos povos antigos eram definidos em torno de alguns critérios: figuras mitológicas; animais e objetos inanimados; analogias geográficas e políticas; associações com fenômenos sazonais (Kelley & Milone, 2011, p. 9, apud, LANGER, 2015b, p. 111).

com idade avançada. Helgardh é um mundo dentro de um mundo (de Niflheimr), o reino mais frio e baixo na ordem total do universo, abaixo da terceira raiz de Yggdrasil. Desse modo, o deus Odin entregou os nove mundos para que essa divindade os governasse. Ao mesmo tempo que Hel recebeu o poder sobre esses mundos é mantida distante de *Asgard* (morada dos deuses).

A face de Hel associada a um ser maléfico diz respeito à representação do seu corpo encontrada na *Edda em Prosa* marcada por traços de uma monstruosidade: “Seu corpo é meio escuro, meio cor de carne, é, portanto fácil de reconhecê-la, e tem um rosto sombrio e mal”. (EDDA EM PROSA, 2012, p. 59). Correlacionado à representação dessa divindade, encontrava-se na entrada de Hel o guardião Garm, citado por quatro vezes na *Edda Poética* como o maior dos caninos (“a fera,” um cão associado à magia). que iria romper com as amarras no *Ragnarök*, suscitando um meio de comunicação entre o Além e o mundo dos vivos. (estrofes 44, 49, 54, 58). (EDDA POÉTICA, 2012, p. 32, 33,34 e 35).

Assim, nessa relação entre corpo e sociedade foi descrito que

“A Concepção do corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na realidade, na vida cotidiana e nos momentos excepcionais sofreram modificações em todas as sociedades históricas. Da ginástica e do esporte na Antiguidade Greco-romana ao ascetismo monástico e ao espírito cavalheiresco da idade média, quanta mudança! Ora, onde há mudança no tempo, há história. A história do corpo na Idade média é, assim, uma parte essencial de sua história global”. (LE GOFF e TRUONG, 2006, p.10).

Atenta Mauss (1974, p. 372). que sendo o corpo uma construção cultural “é o primeiro e mais natural instrumento do homem [...] e mais natural objeto técnico”, por conseguinte, estamos diante de um objeto cultural e um objeto técnico.

Frigga propôs que um dos Ases fosse a Hel, retornando com Balder. Hermoder, filho de Odin, tomou o cavalo Sleipnir e seguiu até Hel com o intuito de oferecer-lhe um resgate, se ela permitisse o retorno de Balder a *Asgard*. Dirigindo-se ao submundo, Hermoder, durante nove noites, cavalcou por caminhos de vales escuros e profundos, para ter-se com Balder, encontrando-o sentado no mais alto trono.

Hel impôs uma condição para o retorno de Balder: “Se tudo no mundo, morto ou vivo, chorar por ele, então, ele deverá retornar aos Aesir, mas deverá permanecer com Hel, se algo se negar ou não desejar chorar” (Edda em Prosa, 1984, 122). Os deuses pediram a todos os seres, mortos ou vivos que Balder fosse pranteado e, com isso, pudesse ser resgatado de Hel. Frigga, impedida por Loki, não consegue trazê-lo do submundo.

2.3 A deusa Nanna “o sacrifício da esposa”

Filha de Nep, da família dos Ases, a deusa Nanna é consorte do deus Balder e mãe de Forseti, deus da justiça, habitava no sétimo salão Breidablik, limpo de feitiços e infortúnios, em *Asgard*.

Nanna encontra-se junto a Balder, em Hel. O filho de Odin, Hermóder se dispôs a

ter com Balder no mundo dos mortos, recebendo desse o anel *Draupnir* para que fosse entregue a Odin, como prova de sua permanência em Hel. Do mesmo modo, a deusa Nanna enviou a Frigga o seu anel de ouro, a *Fulla*, telas de linho e presentes.

Inconformada com a morte do esposo, assassinado por Hoder, na cerimônia fúnebre, a deusa se joga na pira funerária de Balder que queimava no navio *Hringhorni*. Nessa representação marcante de sua face, a deidade faleceu de desgosto e o seu corpo foi colocado na pira ao lado de Balder, propondo-se a realizar a viagem com ele para o outro mundo.

2.4 A gigante Hyrrokkin “aquela que o fogo retorceu”

Iniciado o funeral, o corpo de Balder foi colocado em uma pira funerária construída no seu próprio barco¹¹, o maior de todos, chamado *Hringhorni*. Aproximando-se do corpo inerte do seu filho, Odin colocou nele o anel *Draupnir*, bracelete mágico que gotejava a cada nove noites oito anéis de ouro, do mesmo peso. Em seguida, ordenou que o barco fosse incendiado e o deus Thor consagrou o fogo com o seu martelo *Mjöllnir*. Os Ases não conseguiram lançar *Hringhorni* ao mar. (Edda em Prosa, 2012, p. 86).

A representação da face de Hyrrokkin descreve sobre uma gigante feiticeira de uma força descomunal, que atendendo ao pedido dos deuses para lançar o barco de Balder ao mar, veio de *Jötunheim* (mundo dos gigantes), cavalgando em um lobo mágico e usando víboras para rédeas. Quando a bruxa desceu do lobo feroz, Odin pede a quatro Berserkir (guerreiros enfurecidos). para conter o animal, não obtendo êxito. O lobo, sendo um animal xâmanico, está sempre associado às gigantas e bruxas, servindo-lhe de montaria, bem como se relacionando com a morte. Ao aproximar-se do navio, Hyrrokkin, com apenas um empurrão, lançou a embarcação ao mar. O barco foi impulsionado com tanta força que os rolos sob o navio incendiaram-se, provocando a ira de Thor. (Edda em Prosa, 2012, p. 86-87).

Coteja Langer (2015, p. 263). que “apesar de alguns acadêmicos considerarem que Hyrrokkin foi uma figura de relativa importância no final do paganismo islandês, seu nome permanece inexplicável.” Na Suécia, encontra-se na pedra de Hunnestads (1000 d. C), Lund, uma representação dessa gigante feiticeira e o lobo lhe servindo de montaria. (LANGER, 2015, p. 292).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que esse estudo representou uma reflexão sobre as quatro faces do feminino encontradas na mitologia nórdica através das representações das deusas Frigga (a mãe), Nanna (a esposa), Hel (a filha de Loki). e Hyrrokkin (a gigante montada no lobo). que são descritas, em momentos distintos, como partícipes no desenvolvimento do mito de

¹¹ Averigua-se que na Escandinávia pré-cristã a prática da inumação (sepultamento do corpo), era realizada, sobretudo, pelas classes superiores da sociedade e estrangeiros; e a cremação tratava-se da prática mais antiga. (LANGER, 2015, p. 197).

Balder, numa dimensão que vai além de esposa e mãe, rompendo com o espaço privado que, comumente, se encontra a maior parte dessas alusões ao feminino e como a sua participação se efetiva no cotidiano dessa sociedade, considerando assim, a possibilidade de contribuição dessa temática para as Ciências das Religiões.

Diante das postulações dos teóricos a respeito dessas divindades e da gigante, ponderamos que o mito constitui manifestações muito expressivas da cultura, e, portanto, ao longo do tempo, seguindo sua própria lógica e sentido, pode ser disseminado não apenas através de uma interpretação, mas compondo-se de acordo com as leituras que são feitas desses acontecimentos e de suas reinterpretações.

Nessa perspectiva, o mito de Balder que discorre sobre a sua morte e funeral, na Era Viking (séculos VIII-XI), propicia uma representação do universo feminino redimensionando-o através das deusas e gigante como partícipes dessa construção, lado a lado aos deuses, colocadas em evidência, protagonistas do próprio destino. A gigante feiticeira Hyrrokkin, do submundo, vem diante dos deuses, dos Berserkir, demonstrar uma força incomensurável, além de possuir um lobo por montaria que enfrentou quatro guerreiros, vecendo-os.

A deusa Frigga, inserida no mundo da magia, além do dom da adivinhação, possuía presciência e sabedoria, guardando os seus conhecimentos em segredo. A representação de Hel não se restringe apenas a deusa dos mortos, do reino das sombras, do mundo dos espíritos, mas como governante dos nove mundos. Na mitologia nórdica, Hel não era descrito como um lugar de punição. A deusa Nanna traz a dimensão do sacrifício de se jogar na pira do esposo com o propósito de acompanhá-lo na viagem ao outro mundo. Esse trabalho não teve a pretensão de esgotar o assunto, almejando levantar questionamentos para que esse tema continue a ser motivo de outros trabalhos.

REFERÊNCIAS

Fontes Primárias

Anônimo. **Edda Mayor**. Tradução e notas de Luis Lerate. Madrid: Alianza Editorial, S. A, 4ª edição, 2012.

Sturluson, S. (2012). **Edda em Prosa**. Tradução, apresentação e notas de Luis Lerate. drid: Alianza Editorial, S. A, 4ª edição, 2012.

Referências Bibliográficas

BERNÁRDEZ, Enrique. **Los mitos germânicos**. Alianza Editorial, 2ª edição, 2010.

DAVIDSON, Hilda Roderick Ellis. **Deuses e mitos do Norte da Europa**: uma mitologia é o comentário de uma era ou uma civilização específica sobre os mistérios da existência e da mente humanas/H. R. Ellis Davidson; tradução de Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2004.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **As utopias medievais**. São Paulo: Editora brasiliense, 1992.

LANGER, Johnni (org). **Dicionário de mitologia Nórdica**: símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Editora Hedra, 2015 a.

_____. Constelações e mitos celestes na Era Viking: reflexões historiográficas e etnoastronômicas, **RODA DA FORTUNA** 1(4), 2015b. Disponível em: <http://www.academia.edu/14285645/Constela%C3%A7%C3%B5es_e_mitos_celestes_na_Era_Viking_Constellations_and_celestial_myths_in_Viking_Age_reflex%C3%B5es_historiogr%C3%A1ficas_e_etnoastron%C3%B4micas_RODA_DA_FORTUNA_1_4_2015>. Acesso em: 18/04/17.

_____. A morte de Odin: as representações do Ragnarök na arte das Ilhas Britânicas (séc. X). **Medievalista** [Em linha], Nº 11, (janeiro – junho 2012). Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALIS/langer_1108.html>. Acesso em 25/03/2015.

_____. Religião e Magia entre os Vikings: Uma Sistematização Historiográfica. **Brathair** 5 (2), 2005. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/88783-Religiao-e-magia-entre-os-vikings-uma-sistematizacao-historiografica.html>>. Acesso em: 25/05/2017.

LE GOFF, Jacques. & TRUONG, Nicolas. **Uma História do Corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MAUSS, M.[1923-24]. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. **Sociologia e Antropologia**. v. II. São Paulo: Edusp, 1974.

_____, Marcel. **Esboço de uma teoria Geral da Magia**. Lisboa: Edições 70, 2000.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**. v. 8, n. 2, 2000. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917>>. Acesso em: 22/05/2017.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das mulheres e as representações do feminino**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

SÍMBOLOS

1º Ciclo 144, 145, 151, 154

A

Amor 4, 23, 43, 112, 113, 114, 115

Análise de desempenho profissional 5, 132

Andróides 4, 93, 94, 97

Antropologia 31, 32, 111

Áreas rurais 14

B

Banda desenhada 5, 143, 144, 145, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158

Brasil 3, 4, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 40, 68, 73, 77, 79, 91, 116, 119, 120, 122, 124, 128, 129, 130, 131, 142, 162, 165

Bucólica X 4, 112, 113, 114

C

Ciências humanas 1, 2, 155, 166

Conflito armado 47, 52, 60

Conhecimentos tradicionais 116, 119, 120, 121, 123, 124

Covid-19 4, 12, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 83, 84

Cultura 4, 14, 15, 23, 24, 45, 71, 88, 89, 90, 95, 97, 99, 104, 105, 110, 118, 120, 124, 138, 150, 159, 160, 163, 165, 166

D

Diversidade 3, 120, 121, 123, 125, 128, 144, 155

E

Écloga 112, 113

Educação 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4, 5, 8, 10, 12, 13, 20, 26, 27, 28, 29, 55, 56, 57, 59, 63, 66, 71, 74, 104, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 143, 144, 145, 148, 149, 154, 156, 157, 158, 163, 165, 166

Educação ambiental 4, 116, 117, 121, 122, 123, 124, 125

Educação financeira 4, 126, 128, 129, 130, 131

Educação matemática 126, 129, 131

Elegia 112, 113

Encarceramento 37, 40, 63, 69, 72, 73, 74

Ensino de história 5, 159, 160, 161, 163, 165

Epicuro 112, 113, 114

Era Viking 98, 99, 100, 101, 105, 110, 111

Escandinávia 98, 99, 104, 105, 107, 109

F

Falo 41, 42, 43, 45, 46

Família 8, 11, 22, 23, 25, 48, 54, 103, 106, 108, 153

G

Geografia 75, 143, 144, 145, 147, 148, 150, 151, 155, 157, 161

Globalização 5, 75, 132, 133

H

Hanseníase 3, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40

História 3, 5, 5, 19, 20, 21, 26, 29, 36, 98, 100, 104, 108, 111, 131, 133, 144, 150, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

História cultural 98, 100, 159

I

Inclusão 3, 8, 14, 20, 25, 26, 28, 29, 48, 56

Internação Compulsória 3, 30, 31, 33, 36, 39, 40

J

Juventude 2, 3, 1, 2, 3, 4, 5, 12, 13, 72, 73, 106, 166

L

Lógica 27, 32, 39, 41, 42, 44, 93, 96, 110

M

Meio local 143, 145, 153, 154

Mito 3, 4, 41, 98, 99, 101, 104, 105, 109, 110

Mitologia nórdica 98, 99, 100, 101, 103, 109, 110

Modelagem matemática 4, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Mulheres 3, 7, 20, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 72, 79, 83, 99, 100, 104, 106, 107, 111

N

Negociações de paz 47

P

Paisagem 5, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 165

Pandemia 6, 12, 75, 76, 78, 82, 83, 154, 156

Participação política 3, 47, 49, 56, 57, 58

Período de transição 47, 49, 52, 55, 60

Pessoa com deficiência 3, 19, 21, 22, 24, 26, 27, 28, 29

Pós-guerra 22, 47

Povos indígenas 4, 116, 117, 119, 120, 123, 124, 125

Programa de aprendizagem 1, 2, 8, 12

R

Ragnarök 4, 98, 99, 101, 105, 108, 111

Redes sociais 14

Representações femininas 4, 98

S

Saúde 2, 4, 35, 37, 38, 54, 55, 59, 70, 75, 76, 82, 114

Segurança 33, 48, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74

Seletividade 3, 63, 66, 68, 72, 73

Sociedade 2, 8, 10, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 48, 51, 53, 55, 56, 57, 63, 64, 65, 69, 73, 98, 99, 101, 104, 105, 108, 109, 110, 119, 120, 122, 124, 127, 128, 139, 140, 143, 147, 160, 163

Sufrimento social 30, 38

Sustentabilidade 116, 117, 119, 123

T

Tolerância zero 3, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 74

Trabalho 3, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 19, 25, 28, 30, 31, 32, 48, 54, 61, 63, 65, 66, 73, 80, 81, 98, 100, 101, 106, 110, 132, 134, 136, 137, 141, 142, 151, 156, 159, 160, 161, 165

Turismo cultural 5, 159, 160, 163, 164, 165

V

Violência 48, 50, 51, 55, 56, 58, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 73, 162

Virgílio 4, 112, 113, 114, 115

W

Web 2.0 3, 14, 15, 16, 17, 18

CIÊNCIAS HUMANAS: DIÁLOGO E POLÍTICA DE COLABORAÇÃO

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉️ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

CIÊNCIAS HUMANAS: DIÁLOGO E POLÍTICA DE COLABORAÇÃO

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉️ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022